



# Conselho de Curadores aprova sede da ADUFRJ

S onho de várias gerações de professores da UFRJ, a construção de uma sede para a ADUFRJ na Cidade Universitária está cada vez mais perto de sair do papel. No último dia 26, em decisão unânime, o Conselho de Curadores da UFRJ — que é a instância deliberativa para assuntos de patrimônio da instituição —, aprovou a concessão do uso de um terreno para a obra. A Procuradoria da universidade também já autorizou

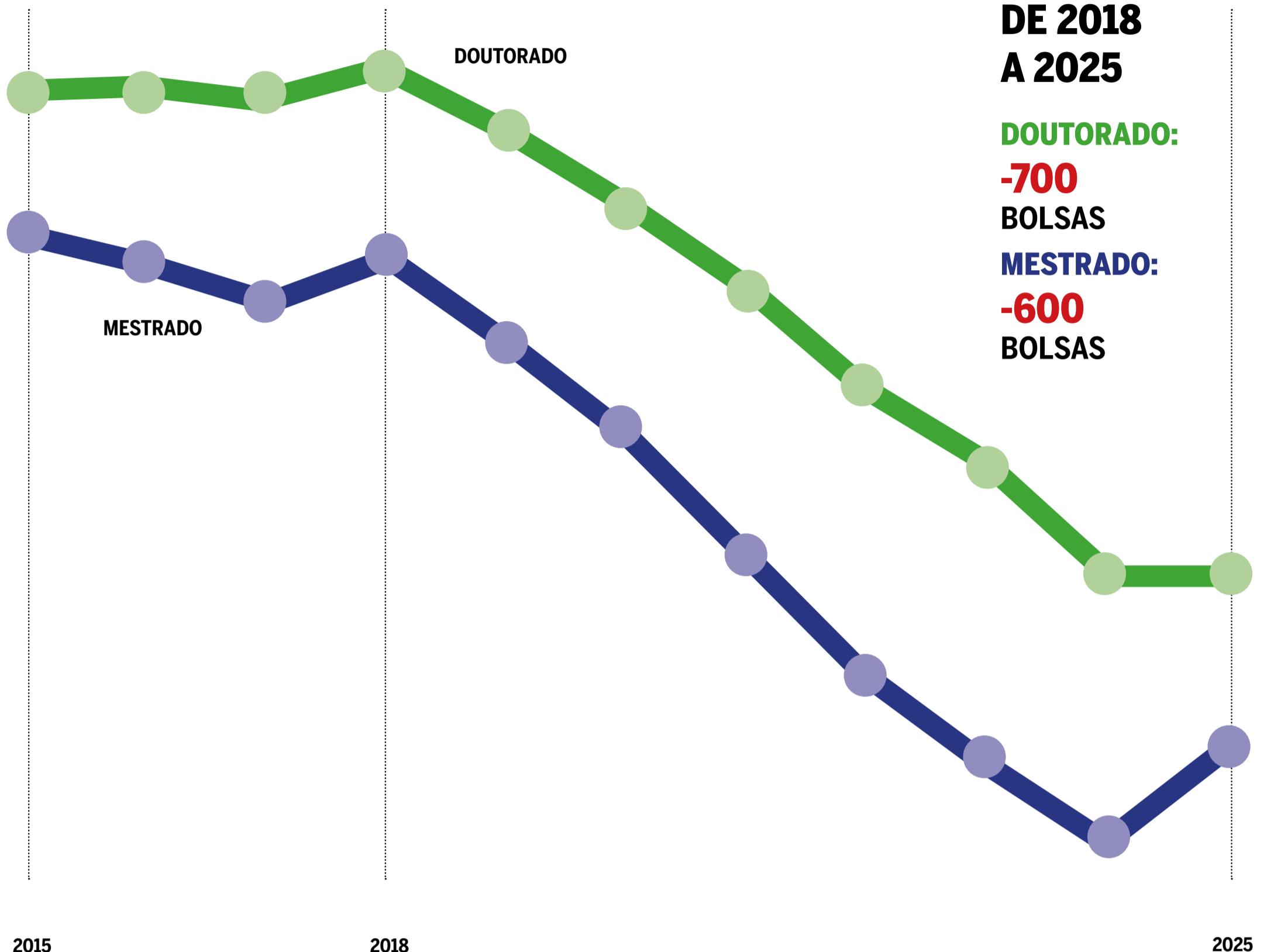
a concessão. Agora, só falta a assinatura do contrato. O terreno, localizado entre o Horto Universitário e o Espaço Cultural do Sintufjr (veja foto acima), possui uma área total de 579,06 m<sup>2</sup>.

A diretoria da AdUFRJ fará uma reunião do Conselho de Representantes e uma assembleia geral de docentes para discutir o tema. O CR será na sexta-feira, 12. A ideia é que o projeto seja executado por docentes e alunos da Faculdade de Arquitetura.

A sede da ADUFRJ reforça a concepção de um sindi-

cato como local de encontro e reflexão dos professores, anunciada pela diretoria durante a posse de outubro. “Essa caixa de descompressão que vai ser a ADUFRJ, nós pensamos que vai ser um lugar para a gente tomar café, para a gente se encontrar, para a gente aprender, para a gente ensinar também. Vai ser um lugar para a gente fazer exposições de arte, para a gente inventar, com criatividade, novas possibilidades para a universidade, e novas possibilidades para o Brasil também”, afirmou a presidente do sindicato, professora Ligia Bahia.

## BOLSAS DE MESTRADO E DOUTORADO DO CNPq



## PR-2 MUDARÁ CRITÉRIOS DE DISTRIBUIÇÃO DE BOLSAS

> Objetivo é reduzir perdas nos programas de excelência da UFRJ. Programas 6 e 7 concentram as maiores quedas de bolsas de mestrado e doutorado

SILVANA SÁ  
silvana@adufrj.org.br

A UFRJ perdeu 700 bolsas de doutorado e 600 de mestrado do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Os números retratam o período de 2018 a

2025. Os dados são da Pró-reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PR-2), mas o problema já vinha sendo alertado pelas coordenações dos programas de pós da universidade.

Para tentar recompor parte dessas perdas, a PR-2 mudará temporariamente os critérios para a distribuição de bolsas de sua cota do CNPq. A ideia é dar peso maior a programas de excelência, que foram os mais prejudicados pelas mudanças

(72 por semestre). O número, no entanto, segue sendo insuficiente. "Veja, 41 bolsas é o número que apenas um dos programas perdeu do CNPq", observa o pró-reitor.

Também houve uma redução absoluta de 106 bolsas da Capes em 2025, fruto de novos critérios de distribuição que reverberam a queda de bolsas do CNPq. "Os critérios da Capes levam em conta o Índice de Desenvolvimento Humano do município onde o programa está localizado e um multiplicador ligado ao número médio de defesas de teses e dissertações por ano do programa", explica João Torres. "A combinação dos fatores acaba afetando os pro-

gramas da UFRJ". A ideia de usar o IDH é estimular a pesquisa acadêmica para o desenvolvimento das regiões mais empobrecidas do país. Porém, o alto IDH do Rio de Janeiro reduziu a pontuação da UFRJ em comparação com universidades localizadas em regiões de baixo IDH. Os programas, de acordo com o pró-reitor, entraram num ciclo vicioso.

"Além do multiplicador do IDH, a redução de bolsas do CNPq diminui a entrada de novos alunos. Menos alunos geram menos defesas, ou seja, há queda também nesse multiplicador, e isso gera menos bolsas da Capes no ciclo seguinte", ilustra. "Esse efeito é observado sobretudo



“

A redução de bolsas do CNPq diminui a entrada de novos alunos. Menos alunos geram menos defesas e isso gera menos bolsas da Capes no ciclo seguinte. Esse efeito é observado sobretudo nos programas de excelência da UFRJ”

JOÃO TORRES DE MELLO NETO  
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa da UFRJ

“

É importante destacar que as cotas repassadas às pró-reitorias, seja com base na Demanda Social ou no PROEX, são distribuídas internamente de maneira discricionária, conforme critérios de cada pró-reitoria”

DENISE PIRES DE CARVALHO  
Presidente da Capes

nos programas de excelência da UFRJ que historicamente tinham muitas bolsas do CNPq", analisa o pró-reitor.

A pró-reitoria ainda não definiu como estabelecerá o peso diferente para tentar refrear essa espiral negativa. "Ainda não fechamos. Temos 136 programas de pós-graduação e um número insuficiente de bolsas", observa João Torres. "O que tentamos é atuar da maneira mais republicana e igualitária possível", afirma o pró-reitor. "No entanto, percebemos que neste momento os programas 6 e 7 precisam de mais apoio".

Ela dá dois exemplos: no caso da cota CNPq, um dos programas do CCS perdeu 60% de suas bolsas e a PR-2 repôs 6,2% desses benefícios. Em contrapartida, outro programa que não tinha bolsas (e por isso não teve perdas) recebeu 6 bolsas.

"A PR-2 colocou suas cotas de maneira aleatória, sem olhar de maneira estratégica para os PPGs que vem sendo desmontados", critica a professora Cláudia Figueiredo. "A cota da PR-2 é para ser estratégica, discricionária. É para equalizar os prejuízos", acredita. "Os programas que estão agonizando são os maiores da UFRJ", afirma.

O professor João Torres rebate e argumenta que a PR-2 tem critérios. "Não é aleatório. Nos baseamos nas bolsas utilizadas, nas bolsas já distribuídas e em uso, na demanda de bolsas que inclui os ingressantes e, em ordem decrescente, por notas do PPG", explica o pró-reitor.

"Outra informação relevante e não falada é que, em 2021, quando ainda não estávamos na reitoria da UFRJ, a universidade já tinha perdido 400 bolsas de doutorado".

Para a docente, a fórmula da Capes deixa de ver as perdas que os programas tiveram com as

bolsas do CNPq. "A Capes tratou como se fosse um problema só do CNPq, quando, na verdade, reverbera em todo o sistema de pós-graduação", aponta a professora. "Ao invés de a PR-2 corrigir esse problema, o aprofundou. Não há como tratar diferentes de forma igualitária. É preciso tratar com equidade. Dar mais bolsas a quem perdeu mais", defende.

Ela dá dois exemplos: no caso da cota CNPq, um dos programas do CCS perdeu 60% de suas bolsas e a PR-2 repôs 6,2% desses benefícios. Em contrapartida, outro programa que não tinha bolsas (e por isso não teve perdas) recebeu 6 bolsas.

"A PR-2 colocou suas cotas de maneira aleatória, sem olhar de maneira estratégica para os PPGs que vem sendo desmontados", critica a professora Cláudia Figueiredo. "A cota da PR-2 é para ser estratégica, discricionária. É para equalizar os prejuízos", acredita. "Os programas que estão agonizando são os maiores da UFRJ", afirma.

O professor João Torres rebate e argumenta que a PR-2 tem critérios. "Não é aleatório. Nos baseamos nas bolsas utilizadas,

mais antigo do país na área, viu o número de ingressantes cair vertiginosamente. "Em 2025, foi a primeira vez em 63 anos que a gente teve um processo seletivo com zero bolsa de doutorado. Isso era inimaginável", conta a professora Sabrina Baptista Ferreira, coordenadora do PGQU.

"Perdemos alunos para a USP e para a UFMG porque lá eles tinham bolsa. Estamos vendendo nossos bons alunos, formados nas nossas graduações, irem embora", lamenta.

A queda no número de bolsas afeta muito mais os programas experimentais por uma razão: os estudantes não conseguem conciliar essa formação com outra ocupação formal. "O aluno precisa estar no laboratório gerando resultado e não consegue ter outro emprego. Então, ele precisa da bolsa para se manter", justifica a professora Sabrina.

"Antigamente os programas tinham cotas de bolsas do CNPq.

Quando veio a mudança, implementada em 2019, todos os programas perderam essas cotas. Quando os alunos defendem, essa bolsa não volta mais para a gente, como voltava antes", explica a professora.

"Atrelado a isso, tivemos cortes de bolsas da Capes. Isso trouxe uma bolha de neve. Como não temos bolsas, temos impacto nas entradas de novos alunos. A gente tinha processos seletivos com 200 alunos e entravam na ordem de 40 de doutorado e 30 de mestrado", lembra. "Temos 64 docentes e, ao longo de todo o ano passado, recebemos 16 alunos de doutorado e 26 de mestrado. Muitos professores não estão conseguindo ter seus orientados, desenvolver seus projetos, porque faltam alunos".

A notícia da revisão da fórmula da PR-2 agradou a professora. "Eu acho excelente. É importante colocar nessa conta o tamanho do programa. Se você coloca todo mundo na mesma regra, você distorce a realidade. Se você tem mais professores, precisa de muito mais alunos para fazer a máquina girar", avalia.

"O que está ocorrendo é um balizamento por baixo e os programas 6 e 7 são os que mais estão sofrendo. Vai cair a produção da UFRJ como um todo".

### O QUE DIZEM CAPES E CNPQ

A presidente da Capes, professora Denise Pires de Carvalho, ex-reitora da UFRJ de 2018 a 2022, afirmou que a agência mantém, desde 2020, o mesmo modelo de distribuição de bolsas. Ele é baseado em quatro parâmetros. "Nesse modelo, os cursos de doutorado com notas 6 e 7 e que titulam acima da média da área recebem maior

Objetivo é reduzir perdas nos programas de excelência da UFRJ. Programas 6 e 7 concentram as maiores quedas de bolsas de mestrado e doutorado

EVASÃO DE BONS ALUNOS

Também muito afetado pelos cortes, o Programa de Pós-Graduação em Química (PGQU), o

número de bolsas", explica. "A quarta dimensão, o IDHM, não altera a distribuição entre os PPGs da UFRJ localizados na cidade do Rio de Janeiro, pois todos se encontram na mesma faixa de IDHM, que permanece inalterada entre 2024 e 2025", pondera a dirigente.

De acordo com os dados da Capes, entre 2020 e 2024 houve aumento do número de bolsas na UFRJ. "Tanto pela aplicação do modelo quanto, especialmente, porque a partir de 2024 a Capes passou a conceder para a PR-2 as cotas relativas aos Programas Proex, algo que não ocorria antes. A UFRJ é muito beneficiada pela ação, uma vez que quase metade dos seus PPGs acadêmicos são de excelência", diz a professora Denise. "É importante destacar que as cotas repassadas às pró-reitorias, seja com base na Demanda Social ou no Proex, são distribuídas internamente de maneira discricionária, conforme critérios de cada pró-reitoria".

Segundo a presidência da Capes, a agência também autorizou que, entre 2024 e 2025, as pró-reitorias remanejassem, de forma igualmente discricionária, as bolsas não utilizadas entre PPGs da mesma instituição para evitar que ficassem ociosas e fossem retiradas do sistema no ano subsequente. "No total, a UFRJ perdeu 123 bolsas de 2024 para 2025: 98 de doutorado e 25 de mestrado, devido à falta de utilização das cotas em 2024, as quais poderiam ter sido remanejadas pela PR-2 entre os PPGs para evitar ociosidade", critica.

O CNPq não respondeu aos questionamentos da reportagem até o fechamento desta edição.

#OrgulhoDeSerUFRJ

# “Beá” é a mais nova emérita da UFRJ

> Professora Beatriz Resende recebeu a maior honraria da universidade no último dia 25

KELVIN MELO  
kelvin@adufrj.org.br

**C**arioca, professora Titular da Faculdade de Letras, especialista em Lima Barreto e, agora, Emérita da universidade. Beatriz Resende — Beá, para os íntimos — recebeu o título no dia 25, no Salão Nobre da Faculdade Nacional de Direito, cercada do carinho dos amigos e familiares. A solenidade celebrou a trajetória de uma docente apaixonada pelos livros, pela educação pública e pela democracia.

Em 21 minutos, Beatriz repassou capítulos de sua vida, em um discurso recheado de bom humor e de gratidão. Destacou a influência do mentor Eduardo Portella (ex-diretor da Faculdade de Letras e ex-ministro do MEC) e da amiga e mestra, Heloísa Teixeira (antes, Heloísa Buarque de Holanda): “Com um olhar feminista que me marcou”. Citou, ainda, Aloisio Teixeira (ex-reitor da UFRJ): “O primo que me levou ao primeiro baile de carnaval, à primeira ópera e à militância política”.

O perfil democrático começou a ser construído na infância, na escola pública Pedro Ernesto, na Lagoa. O colégio abrigava alunos das favelas que existiam na orla da Lagoa, à época, antes de serem removidas no governo de Carlos Lacerda. “Penso que foi nesta primeira escola pública que se formou minha maneira de ser, minha sociabilidade”, disse.

Beatriz relembrou sua passagem pela Faculdade Nacional de Filosofia da então Universidade do Brasil (hoje, UFRJ) — onde viveu a resistência à ditadura —, a graduação e o magistério na Faculdade de Letras, a saída para as Artes Cênicas na UniRio e o retorno à Letras, então como Titular.

“O curso de Letras me deu tudo que eu desejava”, agradeceu Beá. Aqui, a professora fez questão de citar o trecho de uma crônica de Lima Barreto: “Quem meus navios; deixei tudo, tudo, por essas coisas de Letras”.

Perto de concluir, a mais nova emérita da instituição ainda traçou uma analogia entre sua escola da infância e a UFRJ atual. “Nossa UFRJ é hoje maior e mais inclusiva de quando eu entrei. Possui carências, como baixos salários e falta de verbas, mas está mais parecida com aquela escola pública que tanto me marcou. Com cores e vozes múltiplas”, completou.

## DNA DA MINERVA

O reitor Roberto Medronho reverenciou a trajetória da homenageada e sua estreita ligação com a UFRJ desde o início de sua formação, na Faculdade Nacional de Filosofia da então Universidade do Brasil. “A professora Beatriz é, literalmente, o que chamamos de cria da casa, uma filha da Minerva. A Minerva está no seu DNA”, afirmou.

Presidenta da AdUFRJ, a professora Ligia Bahia prestigiou a cerimônia e reforçou as homenagens: “A Beatriz já entra na universidade como emérita. Hoje estamos comemorando um ponto de chegada, mas ela sempre foi essa professora completa”, disse.



## NO CORAÇÃO DA LETRAS

Os colegas da Faculdade de Letras eram só elogios para a mais nova emérita da UFRJ. “A faculdade tem muito orgulho de ter Beatriz Resende em seu quadro e em seu coração. Ela é um exemplo”, afirmou a então diretora da unidade, professora Sônia Reis.

“Beatriz Resende é hoje uma intelectual reconhecida e admirada não só na cidade à qual dedicou seu afeto e grande parte de suas investigações, o seu Rio de Janeiro. Mas também no Brasil como um todo e no exterior”, disse o também

professor emérito Eduardo Coutinho, pela comissão que conduziu a homenagem.

Já o decano do Centro de Letras e Artes, professor Afrânio Barbosa, contou que ter assistido às aulas da professora Beatriz ainda no segundo período de sua graduação foi decisivo para seguir carreira na Letras. “Tenho sorte de ver meus mestres chegando à emergência. Sou muito grato”, afirmou.

Ex-diretora da Letras e ex-presidente da AdUFRJ, a professora Eleonora Ziller destacou o compromisso da homenageada por

uma universidade de fato aberta e interdisciplinar. “Quando fiz a prova para o mestrado em Literatura Comparada, eu estava trabalhando na área da saúde há dez anos. Não ficou uma prova ‘pura’ de literatura. Ela me disse depois que foi disso que ela mais gostou, pois, se queremos uma pós-graduação interdisciplinar, temos que ser coerentes”, relatou. “Esse é um problema da Academia. Todo mundo fala de interdisciplinaridade, mas, na hora H, todo mundo se fecha nas suas caixinhas. Ela, não”, completou.

**E logo depois de graduado o senhor começou a lecionar.**

- Sim, em 1975 eu comecei a dar aulas como auxiliar de ensino lá na Avenida Chile. Era o primeiro degrau da carreira naquela época. E estou até hoje, em 2025.

**E a mudança da sede, o que lhe marcou?**

- Foi uma mudança precipitada. A faculdade no Fundão ainda não estava pronta. Não

tínhamos mobiliário. Era o final do governo João Figueiredo e a ministra Esther Ferraz queria ver o nome dela e o dele na placa. O reitor na época era o (Adolpho) Polillo, e ele também queria o nome na placa. Então a mudança foi de uma hora para a outra. Quando voltamos à faculdade depois das férias, em março de 1985, muita gente não sabia que a sede já estava no Fundão. Encostaram vários caminhões das Mudanças Botafogo, e a ordem era: o que está com cupim fica, o resto vai.

**O senhor já fazia parte da**

**direção da faculdade?**

- No ano seguinte, em 1986, que eu assumi como diretor adjunto para Assuntos Culturais, na administração do professor Edvaldo Cafezeiro, recentemente falecido. Foi logo depois da nomeação do professor Horácio Macedo como reitor, em 1985, para mim um grande marco na história da UFRJ. Foi um período em que a Faculdade de Letras estruturou projetos que não poderiam ter sido desenvolvidos na Avenida Chile. A antiga sede da Letras era um pavilhão pequeno doado pelo governo de Portugal. Era para ser um espaço provisório, mas lá ficamos 16 anos, de 1968 ao início de 1985.

**Então o senhor está na sede atual desde o início. Como foi essa caminhada?**

- Ganhamos certamente muita coisa com a sede do Fundão, desenvolvemos muitos projetos. Mas 40 anos são 40 anos, o prédio se deteriorou. Os diretores estão tendo muito trabalho, são poucos os recursos. Temos preciosidades lá. Nossa biblioteca tem obras raras. Logo no início, com a mudança às pressas, às vezes saímos de casa num domingo, se começasse a chover, correndo para a faculdade, com medo de a chuva molhar

os livros. Hoje nós precisamos de reformas no prédio da Letras, é preciso frisar isso, para que não percamos preciosidades, como livros do século XVII que temos lá.

**E o livro sobre seus 50 anos de magistério, o que o motivou a escrever?**

- Eu faço um percurso histórico desde a minha entrada como aluno. Eu não tenho ascendência árabe. Tenho um filho que foi gerado em Damasco, onde estudei por um período depois que me formei, minha mulher engravidou lá. Então não tenho ascendência árabe. Além da Síria, depois eu vivi e trabalhei como professor no Marrocos, durante três anos. Posso parar com a universidade, mas há outros caminhos. Acho que não vou parar, não.

**Mas o caminho do magistério é o que mais o encanta, não?**

- A função do professor é incentivar. Hoje em dia, a carreira é desprestigiada socialmente. O professor ganha mal, você não vai ficar rico. Mas você pode ser feliz. Tenho muita orgulho dessa história. Eu ainda não penso em parar, mas vou ser parado daqui a dois anos, quando fizer 75 anos. Hoje o nosso curso já tem cinco professores, somos reco-

#OrgulhoDeSerUFRJ

# LETROS RELEMBRA A ‘SAUDOSA MALOCA’, A SUA PRIMEIRA SEDE

ALEXANDRE MEDEIROS  
comunica@adufrj.org.br

**O**s versos quase melancólicos de “Saudosa Maloca”, canção de Adoniran Barbosa, ganharam contornos de alegria e saudade no sarau de encerramento das comemorações pelos 40 anos da chegada da Faculdade de Letras à Cidade Universitária, na noite do último dia 14, no Centro Brasileiro de Altos Estudos (CBAE), no Flamengo, Zona Sul do Rio. A música foi o hino da mudança da faculdade de sua antiga sede na Avenida Chile, no Centro — onde hoje

está o Edifício Ventura — para a Ilha do Fundão, em 1985.

“Eu era aluna da graduação, e Saudosa Maloca foi nosso hino de despedida

daquele lugar onde fomos muito felizes. Estudei lá três anos antes de mudar para o Fundão. Foi uma época em que começavam a soprar os ventos da redemocratização, um tempo de esperança que está na formação da minha geração”, recordou, emocionada, a professora Eleonora Ziller, ex-diretora da Faculdade de Letras e ex-presidenta da ADUFRJ.

As comemorações pelos “40 anos da Letras no Fundão” incluiram debates, homenagens e apresentações artísticas. E culminaram com o caloroso encontro

de professores, ex-alunos, artistas, poetas e escritores do professor João Baptista de Medeiros Vargens (Leia abaixo entrevista com o professor).

Vargens era um dos diretores da Faculdade de Letras em 1985, e recorda que a mudança foi feita a toque de caixa. “Encostaram vários caminhões das Mudanças Botafogo, e a ordem dos encarregados era só levar o que não tivesse cupim. Foi tudo muito rápido”, lembrou Vargens. Segundo ele, a atuação da então aluna Eleonora Ziller foi fundamental para que a festa de despedida dos estudantes não terminasse em confusão: “Queriam jogar cadeiras para o alto, coisas assim, e ela subiu numa

mesa e conseguiu acalmar os ânimos”.

“Nem lembro o que falei de cima da mesa, só sei que parece que me escutaram”, riu Eleonora, ao lembrar o episódio do passado. “Tinha também um ar de revolta naquela despedida. Afinal era ainda um governo da ditadura militar, comandado pelo general João Figueiredo”. Eleonora recorda ainda que o local da velha sede foi ocupado por um estacionamento durante muitos anos, antes da construção do Edifício Ventura, e sente saudades do teatro da faculdade antiga, um local de debates e apresentações culturais. “Tinha até coxia e camarim, vivemos ali momentos inesquecíveis”.

ENTREVISTA | JOÃO BAPTISTA DE MEDEIROS VARGENS, PROFESSOR TITULAR DE ESTUDOS ÁRABES DA LETRAS/UFRJ

## “TENHO MUITO ORGULHO DESSA HISTÓRIA”

FERNANDO SOUZA



Portelense e autor de obras referenciais sobre o universo do samba — como “Candeia, luz da inspiração” e “Velha Guarda da Portela” —, João Baptista de Medeiros Vargens é um dos precursores do ensino da língua árabe no Brasil e ganhou, em 2012, o Prêmio Sharjah, da Unesco, por suas contribuições à difusão da cultura árabe no mundo. “Entrei para o curso de Português-Árabe em 1971 e, em 1975, comecei a dar aulas como auxiliar de ensino. Tenho muito orgulho dessa história”, lembrou o mestre, de 73 anos, durante o sarau do CBAE. Foi lá que ele contou um pouco dessa bela história para o Jornal da ADUFRJ. Vamos a ela.

**Jornal da ADUFRJ: O senhor entrou como aluno na Letras em 1971, lá nos primórdios. Como foi essa chegada, em plena ditadura?**

● João Baptista Vargens: Eu fui da terceira turma de Português-Árabe. O curso começou em 1969, com dois alunos. Em 1970, foram dois alunos de novo. Nenhum chegou ao final. Na minha turma foram oferecidas dez vagas, e todas foram preenchidas. Mas em 1974, quando eu me graduei e me licenciei, só havia dois alunos. Represento então 50% da primeira turma graduada em Português-Árabe na UFRJ. E naquela primeira turma, a de 1969, um dos alunos era um agente do DOPS. Inclusive depois ele se tornou meu aluno, ele demorou a sair. Sempre no final do curso ele não fazia as provas, para ficar lá mesmo.

**E logo depois de graduado o senhor começou a lecionar.**

- Sim, em 1975 eu comecei a dar aulas como auxiliar de ensino lá na Avenida Chile. Era o primeiro degrau da carreira naquela época. E estou até hoje, em 2025.

**E a mudança da sede, o que lhe marcou?**

**O senhor já fazia parte da**

**direção da faculdade?**

● No ano seguinte, em 1986, que eu assumi como diretor adjunto para Assuntos Culturais, na administração do professor Edvaldo Cafezeiro, recentemente falecido. Foi logo depois da nomeação do professor Horácio Macedo como reitor, em 1985, para mim um grande marco na história da UFRJ. Foi um período em que a Faculdade de Letras estruturou projetos que não poderiam ter sido desenvolvidos na Avenida Chile. A antiga sede da Letras era um pavilhão pequeno doado pelo governo de Portugal. Era para ser um espaço provisório, mas lá ficamos 16 anos, de 1968 ao início de 1985.

**Então o senhor está na sede atual desde o início. Como foi essa caminhada?**

- Ganhamos certamente muita coisa com a sede do Fundão, desenvolvemos muitos projetos. Mas 40 anos são 40 anos, o prédio se deteriorou. Os diretores estão tendo muito trabalho, são poucos os recursos. Temos preciosidades lá. Nossa biblioteca tem obras raras. Logo no início, com a mudança às pressas, às vezes saímos de casa num domingo, se começasse a chover, correndo para a faculdade, com medo de a chuva molhar

os livros. Hoje nós precisamos de reformas no prédio da Letras, é preciso frisar isso, para que não percamos preciosidades, como livros do século XVII que temos lá.

**E o livro sobre seus 50 anos de magistério, o que o motivou a escrever?**

- Eu faço um percurso histórico desde a minha entrada como aluno. Eu não tenho ascendência árabe. Tenho um filho que foi gerado em Damasco, onde estudei por um período depois que me formei, minha mulher engravidou lá. Então não tenho ascendência árabe. Além da Síria, depois eu vivi e trabalhei como professor no Marrocos, durante três anos. Posso parar com a universidade, mas há outros caminhos. Acho que não vou parar, não.

**Mas o caminho do magistério é o que mais o encanta, não?**

- A função do professor é incentivar. Hoje em dia, a carreira é desprestigiada socialmente. O professor ganha mal, você não vai ficar rico. Mas você pode ser feliz. Tenho muita orgulho dessa história. Eu ainda não penso em parar, mas vou ser parado daqui a dois anos, quando fizer 75 anos. Hoje o nosso curso já tem cinco professores, somos reco-

5

#OrgulhoDeSerUFRJ

ALESSANDRO COSTA



## Sindicatos debatem reforma administrativa no CFCH

> Presidenta Ligia Bahia representou a ADUFRJ no encontro, que também reuniu o Andes e o Sintufrj

SILVANA SÁ  
silvana@adufrj.org.br

**A**ADUFRJ é contrária a esta reforma e o Executivo federal também já se posicionou contrariamente", pontou a professora Ligia Bahia, presidente do sindicato, durante debate sobre a reforma administrativa, no dia 26. A Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 38/2025, em tramitação na Câmara dos Deputados, pretende reorganizar a administração pública federal, estadual e municipal, impactando sua expansão e direitos dos servidores.

Ligia Bahia mostrou que a lógica contida na reforma, e em todas as reformas desde a redemocratização do Brasil, é similar às ocorridas na área de saúde de países europeus e nos Estados Unidos. O objetivo é reduzir a prestação de serviços e a atuação dos servidores. "Não existe cidadania sem serviços públicos", afirmou a docente do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da UFRJ.

O momento pede unidade de todo o campo progressista. "Precisamos de todos juntos para derrotar a extrema direita em 2026. A agenda mais importante é essa para o ano que vem. Precisamos estar juntos para

sistemas. Precisamos mudar esse quadro para aí, sim, debater a reforma que queremos", defendeu a dirigente.

"É claro que nós não somos favoráveis a esta reforma, o que não quer dizer que somos desfavoráveis a qualquer reforma. Temos um RJU (Regime Jurídico Único) completamente mutilado. Precisamos de carreiras isonômicas no serviço público", disse a presidente da ADUFRJ. "Precisamos, sim, de uma reforma administrativa. Mas de uma reforma que não considere servidores que matam, que julgam e que punem mais importantes que os servidores que educam, que cuidam e que salvam vidas".

A atividade não atraiu muita gente. Havia menos de dez pessoas na plateia, o que não diminuiu a importância do encontro. "É fundamental que esses debates aconteçam. Não importa se tem mais ou menos gente, se está cheio ou vazio, são temas que precisam ser tocados", defendeu Ligia.

### CONTINUIDADE

Para a professora Fernanda Vieira, secretária-geral Andes, a PEC 38/2025 é uma continuidade da PEC 32, do governo Bolsonaro. "Facilitou a derrocada da PEC 32 a compreensão de que era uma proposta completamente nociva não só para os servi-

**“**A PEC 32 (de Bolsonaro) foi engavetada pelo governo Lula com mobilização dos trabalhadores. Agora, o debate está totalmente atrelado ao arcabouço fiscal

ESTEBAN CRESCENTE  
Coordenador-geral do Sintufrj

Fernanda, apresenta "olhar gerencial" sobre o serviço público. "Essa PEC não é modernização e não visa à melhoria e qualidade dos serviços. É, sim, um ataque à concepção constituinte do que é serviço público".

Já Esteban Crescente, coordenador-geral do Sintufrj, defendeu que toda reforma administrativa tem caráter político. "A mais recente que tivemos no âmbito federal foi a Bresser-Pereira (1995). Uma das consequências diretas dessa reforma são as terceirizações da limpeza e da segurança, por exemplo", contextualizou.

"Nos últimos anos, tivemos microreformas, como o entendimento de que o serviço público pode ser realizado via CLT", lembrou. "A PEC 32 foi engavetada pelo governo Lula com mobilização dos trabalhadores. Agora, o debate está totalmente atrelado ao arcabouço fiscal".

O evento, que contou com a mediação do professor Vantuil Pereira, decano do Centro de Filosofia e Ciências Humanas e organizador da atividade, pode ser revisto pelo canal do CFCH no YouTube.

**PENÚLTIMO NA EDUCAÇÃO**  
"Em 2024, 20% dos dias letivos nas 49 escolas da Maré foram comprometidos pela violência. Esse é um indicador muito forte do desafio que nós temos",

dores, como também para a democracia", avaliou. "Mas a PEC 38 tem muitos pontos de contato com a PEC 32. Um deles, é a proibição da incidência de valores retroativos em reajustes salariais", apontou. "Isso tornaria inviável o nosso reajuste, por exemplo".

A proposta atual, segundo

#OrgulhoDeSerUFRJ

# Pesquisadores discutem crise do estado do Rio

> Debate no Cefet analisou situação crítica das áreas de saúde, educação e segurança. Dois dias depois, em um triste e emblemático episódio, duas servidoras foram assassinadas na instituição

KELVIN MELO  
kelvin@adufrj.org.br

**N**a mesma semana que um adolescente foi baleado dentro de uma escola na Maré e duas servidoras foram assassinadas no Cefet-RJ, pesquisadores realizaram um debate integrado sobre políticas de saúde, educação e segurança pública. O encontro fez parte do seminário "Pensando o território fluminense", organizado pelo Fórum de Reitores das Instituições Públicas do Estado do Rio de Janeiro (Friperj).

O cenário é ruim em cada uma dessas áreas, o que provoca efeitos negativos em cadeia. "Somente em 2025, 1.146 escolas da Região Metropolitana do Rio foram afetadas por tiroteios em dias letivos, além de 1.050 unidades de saúde", informou Terine Coelho, gerente de pesquisa do Instituto Fogo Cruzado, que mapeia conflitos armados. De 2016 a 20 de novembro, 185 crianças e 566 adolescentes haviam sido baleados (veja no infográfico os dados atualizados até o fim do mês passado, incluindo os assassinatos no Cefet-RJ, onde o seminário foi realizado dois dias antes).

Os dados do instituto levam a outros questionamentos. "Quantos alunos não tiveram aula? Qual o impacto na aprendizagem das crianças? Na saúde, a mesma coisa: quantos não conseguiram chegar para os exames? Quantos exames foram remarcados? A política de segurança precisa conversar com as outras políticas", afirmou Terine.

Claro que é preciso acabar com os grupos armados no Rio. No entanto, a política de segurança do governador Cláudio Castro se resume praticamente a operações e chacinas — a última delas, no fim de outubro, foi a maior da história do país, com 126 mortos. "A gente faz operação desde sempre. E não recuperamos nenhum território até hoje", disse a gerente do Fogo Cruzado.

Na região metropolitana, 18% dos territórios — onde vivem 35% da população — estão dominados pelo crime organizado.

**PENÚLTIMO NA EDUCAÇÃO**  
"Em 2024, 20% dos dias letivos nas 49 escolas da Maré foram comprometidos pela violência. Esse é um indicador muito forte do desafio que nós temos",



**“**Como pesquisadores, nosso papel é recusar essa setorização de saúde é saúde, educação é educação

LIGIA BAHIA  
Presidenta da ADUFRJ

reforçou o ex-deputado estadual e professor da Faculdade de Educação da UFF, Waldeck Carneiro.

A violência é um dos fatores que ajudam a explicar por que o Rio de Janeiro ocupa o penúltimo lugar no IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), entre todos os estados e o Distrito Federal.

A descontinuidade das políticas é outro obstáculo. Desde as primeiras eleições para governador, em 1982, são 43 anos e 41 secretários de educação, informou o ex-deputado. "Essa descontinuidade produziu um efeito muito ruim".

Só que, em vez de enfrentar os graves problemas estruturais fluminenses, o governo decidiu contorná-los com a aprovação

automática dos estudantes, mesmo que reprovados em seis disciplinas ao ano — o IDEB é formado por duas variáveis principais: um exame e o fluxo escolar, que é medido por aprovação/evasão/reprovação. "O estado tenta, com isso, melhorar seus números", completa Waldeck.

### FOCO EM 2026

Presidenta da ADUFRJ, a professora Ligia Bahia elogiou a proposta de discussão conjunta das três áreas. "Essa mesa aqui nunca mais deveria se separar", brincou. "Como pesquisadores, nosso papel é recusar essa setorização de saúde é saúde, educação é educação. Se a gente puder pensar políticas públicas que não sejam fragmentadas, seria um avanço muito grande", disse.

Na saúde, isso representaria recuperar um papel de vanguarda para o estado. "Nós sempre fomos a vanguarda. O Rio de Janeiro é o estado que formulou o SUS e a reforma sanitária", afirmou Ligia.

A docente não tem dúvidas de que a denúncia dos problemas do Rio é importante, mas, para mudar esta situação, cobrou foco do campo progressista para as eleições do ano que vem. "É um desafio para todos nós. Precisamos nos preparar para isso".

A tarefa do Friperj, a partir de agora, são as eleições de 2026", disse.



(inclui operação na Maré e assassinatos no Cefet)

**DOMÍNIO ARMADO**  
(dados de 2024):

**18,3%**

do território da Região Metropolitana do Rio, onde vivem 35% da população

**NESTE GOVERNO OCORRERAM MAIORES CHACINAS DA HISTÓRIA DO RIO DE JANEIRO.**

Jacarezinho

06/05/2021 - **28 mortos**

Complexo da Penha

24/05/2022 - **23 mortos**

Complexo do Alemaõ

21/07/2022 - **16 mortos**

Complexo do Salgueiro, São Gonçalo

23/03/2023 - **13 mortos**

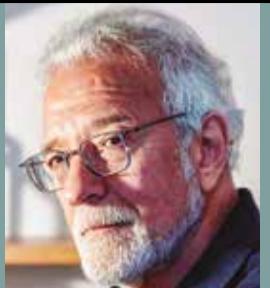
Complexos da Penha e do Alemaõ

28/10/2025 - **126 mortos**

TERRITÓRIOS SOB

Fonte: Instituto Fogo Cruzado

# *Conversa com OMER BARTOV*



**VAMOS CONVERSAR COM UM DOS MAIORES INTELECTUAIS  
CONTEMPORÂNEOS SOBRE A AMEAÇA DA EXTREMA DIREITA  
NAS UNIVERSIDADES. PARTICIPE!**

**AUDITÓRIO  
PEDRO CALMON**

Avenida Pasteur, 250 - Botafogo  
*Campus da Praia Vermelha*

**TERÇA  
9/12  
18h**

**O EVENTO TERÁ TRADUÇÃO SIMULTÂNEA**

**AdUFRJ | COLÉGIO BRASILEIRO DE  
ALTOS ESTUDOS**

# *Palestra com OMER BARTOV*



**VAMOS CONVERSAR COM UM DOS MAIORES INTELECTUAIS  
CONTEMPORÂNEOS SOBRE A AMEAÇA DA EXTREMA DIREITA  
NAS UNIVERSIDADES. PARTICIPE!**

**AUDITÓRIO MARIA  
THEREZA LOUREIRO**

**FACULDADE DE FARMÁCIA -**  
Avenida Carlos Chagas Filho, 373  
*Cidade Universitária, Fundão*

**QUARTA  
10/12  
11h30**

**O EVENTO TERÁ TRADUÇÃO SIMULTÂNEA**

**AdUFRJ**